

CARAVANA TEKOKHA.

No dia 09 de dezembro de 2015 os membros do Núcleo de Estudo Ameríndios e Africanos, Éder Augusto Gurski e Pedro Dall'Agnol Ribeiro, partiram em direção a cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul, afim de juntarem-se a Caravana Tekoha, organizada pela CSP- Conlutas, na cidade de São Paulo. O objetivo da viagem era prestar auxílio e solidariedade as comunidades indígenas que vivem em conflito com fazendeiro no MS.

A Caravana Tekoha foi marcada por aventuras e integração de lutadores de frentes muito diferenciadas. Contávamos com trabalhadores urbanos, estudantes, pesquisadores, trabalhadores rurais, os que lutam por moradia nas cidades e os Guarani Kaiowá. A comunhão de companheiros desses vários grupos sociais transformou a viagem em um conjunto de saberes, diálogos e trocas. Um encontro de agentes, explorados em seu trabalho, em sua moradia, em sua terra. Comprometidos com a batalha por direitos e com desejo de fortalecer os laços e, assim, tornar a luta mais forte e efetiva.

Para além do encontro entre companheiros de luta, o espaço tornou-se um ambiente de trocas culturais e sociais, de aprendizado, de solidariedade de comprometimento, de dor e de alegria. Em comunhão de ideias, buscamos compreender as diferentes facetas das estruturas de luta nos diversos lugares e grupos, os quais tem em comum a esmagadora repressão e exploração do grande capital sobre suas vidas.

Nosso primeiro destino era a Terra Indígena Takuara, território em que vivem os membros da família Veron. O nosso acesso de início fora dificultado, pois, o tempo chuvoso fez com que nossa travessia de ônibus pelo mar de soja e cana, até chegar a Terra Indígena, fosse cancelada. Para vencer os atoleiros a solução fora fretar uma caminhonete, só assim conseguimos chegar a comunidade.

A caravana era um frente de solidariedade organizada pela CSP-Conlutas. Entre nossas atividades nas visitas, previstas para cerca de 4 comunidades, levaríamos cestas básicas com o objetivo de prestar auxílio a situação de escassez de alimento. Outro de nossos objetivos era somar na luta contra a PEC 215 – Propostade Emenda à Constituição que transfere da União para o Congresso Nacional o poder de demarcação das terras indígenas – pois como disse o cacique Ládio Veron “Para nós essa PEC 215 é a morte”.

Ainda dentro de nossos objetivos, tínhamos a proposta de diminuir os ataques de pistoleiros e jagunços a comunidade indígena. Acreditávamos que nossa presença faria com que os ataques cessassem.

As noites eram uma mistura de rezas, danças e de turnos de vigia, sempre com o objetivo de prevenir os ataques surpresa dos pistoleiros. A mistura de tensão por conta dos ataques e a admiração pela riqueza cultural do povo Guarani, faziam as noites passarem depressa.

As fortes chuvas infelizmente impossibilitaram nossa visita em outras comunidades, acabamos ficando ilhados na Terra Indígena Takuara. Na última noite uma violenta tempestade, com fortes rajadas de vento, deixaram algumas casas sem cobertura, inclusive a casa de rezas que estavam acampados. O medo e a insegurança em meio a tempestade nos mostrou, mesmo que em uma fração de tempo, a realidade difícil que aquelas pessoas sobrevivem.

Seus líderes estão marcados para morrer, seus membros vivem em meio ao medo de ataques de jagunços e pistoleiros, contratados pelos fazendeiros. As suas moradias são precárias e feitas de lona e madeira.

Um dos motivos da precariedade nas moradias se pela falta de matéria prima para a construção de suas casas. Quando os Guarani fazem a retirada do capim, o qual chamam de sapê, e reservarem para secar, os empregados das fazendas ateam fogo. Como se isso não bastasse as suas poucas plantações, para subsistência, são contaminadas com os agrotóxico que os aviões pulverizadores lançam sobre elas. Sem nenhum tipo de assistência básica, sem nenhum auxílio governamental, esses indivíduos esperam a homologação de suas terras, as quais já foram demarcadas com seu próprio sangue e que a mais de 10 anos espera, apenas, a assinatura do Executivo.

Enquanto esse dia não chega, o que resta as famílias da Terra Indígena Takuara é resistir. Longe dos olhos do Estado Nacional com a esperança de que um dia seus membros não precisem mais morrer, que suas mulheres não sofram mais abusos, que suas crianças tenham acesso as infraestruturas básicas de saúde, educação e moradia. A espera de dias melhores, de ter seu direito assegurado, a espera de um dia poder, enfim, viver. A nós, resta lutar junto, lado a lado com as populações indígenas, seja denunciando, publicando materiais e notícias, lutando na linha de frente, auxiliando e prestando solidariedade. As nossas lutas não são apartadas, os direitos devem ser garantidos. É preciso entender que terra é vida, terra é comunhão, é lugar sagrado e simbólico, é Tekoha.

O temporal a ventania, os atoleiros a impossibilidades de conseguir acesso as outra comunidades. Todos esses elementos serviram para que nós compreendêssemos as dificuldades, a resistência e a luta desses nossos parentes. Pessoas que, sob resguardo do governo omisso a situação, morrem por sua terra, que dedicam suas vidas para assegurar um espaço digno para sua comunidade e seus descendentes.